

Maurício, por Beatriz Tragtenberg*

Prólogo:

A obra de um autor é determinada pelo tempo histórico em que ele vive. Porém não são somente os acontecimentos grandiosos que a condiciona, embora sejam esses que os livros de história pontuam, mas também as condições particulares em que o autor se encontra em relação aos acontecimentos definidores de cada período. É nesse sentido que para aventura-se na compreensão das ideias que os pensadores nos deixaram, torna-se relevante conhecer um pouco sobre a vida de cada um deles. Sua vida profissional, as condições concretas nas quais eles existiam, em que contextos suas paixões, seus afetos, sua racionalidade, etc. estavam sendo constituídos, são fatores que permitem entender um pouco das características definidora de cada compreensão do mundo que se faz presente no legado intelectual que foi transmitido. Assim, lembrar os 15 anos de falecimento de Maurício sem buscar conhecer um pouco do homem que está por traz dos livros seria desconsiderar o lado “humano” da obra.

Na impossibilidade de ouvir esses aspectos da vida de Maurício, por Maurício, tivemos a honrar de conhecê-lo por uma das pessoas mais próximas, que dividiu com ele mais do que a esperança por um mundo sem desigualdades, mas também as dificuldades cotidianas envolvidas nessa luta. Beatriz Tragtenberg, Bia, foi esposa de Maurício e, em palestra proferida no mês de novembro de 2011 no I Simpósio Cátedra Maurício Tragtenberg realizado na cidade de Curitiba com apoio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, nos lembrou da pessoa que Maurício foi para além dos livros que hodiernamente estudamos. Eis um relato apaixonante e apaixonado de uma mulher que testemunha a fé na humanidade. Desejo que a leitura desse texto nos permita conhecer um pouco de Maurício, de Bia e de nós mesmos, pois um olhar atento sobre ele conduz a uma reflexão sobre o nosso modo de estar no mundo.

Belo Horizonte, novembro de 2013.

*Deise Luiza da Silva Ferraz***



* **BEATRIZ TRAGTENBERG** é atriz e diretora teatral, trabalhou com os maiores diretores como Antunes, Flavio Rangel, Ruy Cortez, entre outros. Atuou na TV Globo e SBT recentemente. Atualmente prepara o espetáculo "Memórias de Louise", sobre Louise Michel e a Comuna de Paris, a ser estreado brevemente.



** **DEISE LUIZA DA SILVA FERRAZ** é Doutora, Mestra e Bacharela em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com um período de estágio-doutoral no Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações (SOCIUS) do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Professora Adjunta no Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.



Beatriz Tragtenberg com o Prof. José Henrique de Faria no I Simpósio Cátedra Maurício Tragtenberg

por **Beatriz Tragtenberg**¹,

Boa noite pra vocês...[...] se vocês não sabem, eu também faço teatro, amo teatro... E assim, a palestra fica mais fácil pra mim. Eu estou aqui como esposa de Maurício, e que muito me honra, com quem eu convivi quarenta e cinco anos, tenho uma eterna saudade, muita saudade. É que, a gente sabe que se ele fosse vivo, ia contribuir muito pra esse nosso pobre país.

Mas aqui hoje, estou tendo uma grande alegria: eu fiquei sabendo da *Cátedra Maurício Tragtenberg*. Esta cátedra propicia ao jovem a possibilidade de se apaixonar por uma obra, por um trabalho, algo que queira realmente conhecer e ter a possibilidade de poder

aprofundar esse conhecimento recebendo uma bolsa de estudos: isso é uma verdadeira democratização. Essa possibilidade de um aluno de graduação já poder realizar um trabalho específico que ele realmente deseje, é fundamental.

Eu falei que sou atriz, mas sou professora também. Eu fui professora de Francês durante 28 anos. Foi, aliás, o que salvou a nossa vida porque o Maurício foi muito perseguido durante a ditadura. E felizmente, eles não me perseguiram, mesmo porque quando começou o golpe de 64, eu estava dando aula numa escola pública perto da minha casa, e tinha filhos pequenos. Então, se alguém fosse me acusar de subversão, seria interpretado como um absurdo! A ditadura não é brincadeira. O Maurício foi perseguido por 12 anos. Ele entrou com um processo exigindo o esclarecimento da demissão dele em 64 quando foi promulgado o primeiro Ato

¹ O texto que segue é a transcrição literal da fala de **Beatriz Tragtenberg**. Pouquíssimas alterações de forma foram realizadas por ela após a transcrição da palestra.

Institucional. Ele não pertencia a partido nenhum, mesmo porque ele nunca se filiou a nenhum partido depois dos vinte anos. Até os vinte ele militou em várias facções. Ele costumava dizer que na sua adolescência, o partido comunista era muito bom para ampliar a cultura política do jovem, mas que se estivesse no poder, a coisa ia ficar preta. E ele foi posto fora do partido comunista por divergir. A razão na verdade, foi sempre o que ele me disse, ele questionava o comitê central, o porquê do comitê central tomar aquelas decisões e não outras, porque ele lia, ele lia Marx. Ele era um jovem pobre. Foi do Rio Grande do Sul pra São Paulo. E entrou na vida do trabalho, como boy carregador de vidrinhos pra farmácia e depois, foi trabalhar num pequeno jornal. Para o jornal dedicava seis horas e depois o resto do dia, para a biblioteca municipal. Pra vocês terem uma ideia de quem era Mauricio, nos períodos bastante grandes de dureza que nós passávamos, ele frequentava muito as livrarias, os sebos, tinha uma verdadeira paixão pelo livro. Se ele tivesse dinheiro para comprar um copo de leite – ele sofria de gastrite – e passasse num sebo, certamente ele comprava o livro e esquecia do estomago. Ele era apaixonado pelos estudos, pelo conhecimento. Nem de viajar Mauricio gostava. Ele nunca saía do país, a não ser para ir pra Argentina. Uma única vez que nós fomos a Buenos Aires, um pouco antes da Isabelita cair, que ele foi contratar um livro com um intelectual guerrilheiro, da revolução espanhola, Diego Abad de Santillán, era uma pessoa das mais empenhadas da

revolução espanhola, que foi um dos movimentos mais lindos, e ninguém conhece. Foi antes da ditadura franquista. Quase três quartos da Espanha veio a ser dirigida pela própria população revolucionária. Quando começou a guerra civil, os patrões abandonaram as fábricas e os operários não podiam abandonar a fábrica porque morreriam de fome. Então eles tomaram a fábrica e tocaram pra frente. E fizeram coisas maravilhosas, no processo de autogestão, no processo de igual pra igual. E todo mundo recebia muito bem, e todo mundo também defendia a revolução. Eu acho que o grande problema que nós temos é a gente delegar. Você vai lá e dá o voto pra o deputado, e você delega a ele um poder e nunca mais você cobra aquilo. Ele some, vai lá pro planalto, faz o que bem entende e nós ficamos aqui a ver navios. Durante a revolução espanhola, o povo se organizava de igual pra igual, e esse cidadão fazia parte da coletivização, onde se vivia com tudo organizado por todos, não tinha mandato para ninguém. Diego Abad de Santillán tinha a ata de todos os dias das “coletivizaciones”, e o Mauricio, claro, apaixonado por isso, queria publicar no Brasil. Aí, em 74, em plena ditadura Médici, nós chegamos em Buenos Aires, e assim que nós descemos no aeroporto alguém gritou lá de cima: Mauricio Tragtenberg. Já estavam de olho nele. E isso foi as vésperas do golpe na Argentina. Foi bem as vésperas. Santillán consentiu e o livro foi publicado, e ele fez um belo prefácio contando o que tinha de tão importante nessa organização de todos.



I Simpósio Cátedra Maurício Tragtenberg, novembro de 2011, Curitiba (PR)

Bom, eu fui para na Argentina... imagina só... deixa eu voltar, nós estávamos em 64 e o Mauricio perdeu tudo. Porque ele não pertencia a nenhum partido. Desde os 20 anos que ele reviu todas as posições. Ele se dizia, brincando, ser um marxista-anarquista, o que claro, é uma aberração. E era isso mesmo que ele era, uma aberração. E ele acreditava em Weber. E o Max Weber, que era um pensador liberal, era um genial pensador, que conseguiu dar uma excelente contribuição para o estudo da sociedade. Então, era uma coisa um pouco estranha ao academicismo. E como dizia o professor Antonio Candido, onde perpassava uma “formosa” liberdade, foi com aquele livro que ele entrou na faculdade. Porque ele entrou pra faculdade fazendo um livro. Ele não tinha tido nem colégio nem ginásio, ele só tinha o primário. E aí ele foi estudar na biblioteca, o dia inteiro, até às 11 horas da noite, e

estudou muito. Ele conta que o melhor período da vida dele, foi o período em que ele estudava oito horas na biblioteca municipal. A biblioteca municipal recebia todas as novidades publicadas no estrangeiro. Ele lia várias línguas. Ele nunca entrou numa escola de línguas, mas aprendeu sozinho. Ele era muito dedicado. E também preocupado em contribuir para a mudança social, o fim da desigualdade e a injustiça social, que é até hoje uma aberração que ninguém mais está aceitando. A gente tem a impressão que hoje alguma luz vem vindo lá no fim do túnel e é das pessoas jovens, sobretudo. Estão sofrendo demais os jovens. O neoliberalismo que entrou sem crítica nenhuma, na década de 90. Porque com a queda do muro de Berlim em 88 não tinha mais crítica, não tinha mais oposição. Então o negócio foi crescendo, o capitalismo foi ficando cada vez mais açambarcador, e acabou

com a vida dos jovens. Hoje em dia, essa terceirização e também esse lucro desenfreado... o trabalhador é o que menos conta. O que mais conta é o edifício, o dinheiro, tudo, menos as pessoas. E Mauricio tinha feito esse livro para entrar na faculdade. Eu ainda nem o conhecia nessa época. Ele tinha sido posto fora do partido comunista e ficou decepcionado e abatido, mas continuou aquele jovem que se dedicava a uma causa social para mudar as coisas, mudar a situação de opressão que as pessoas vivem, com muita ênfase, com muita pesquisa, com muito empenho, com muita seriedade e muita honestidade. Ele era amigo do Antonio Candido e frequentava todos os cursos dele. Naquela época os partidos políticos tinham um cursinho que era chamado de universidade livre. Aí, os cursos que eles davam, qualquer pessoa podia assistir. Antonio Candido estava em começo de carreira. Não sei se vocês já ouviram falar dele, que é sociólogo e professor de literatura da USP. Era uma das pessoas mais sérias que há na universidade brasileira. E ele disse pra Mauricio, que fizesse um livro, que juntasse as ideias dele de 15 anos de estudo, para que pudesse fazer uma universidade. Ele não poderia permanecer atordoado e desiludido porque não ia conseguir sobreviver direito. Então Mauricio juntou todas as suas ideias até então, e fez um livro, que agora na reedição dentro de suas Obras Completas, a Coleção Mauricio Tragtenberg, mudou de nome. O livro se chamava *Planificação: desafio do século XX* e o título novo ficou *O capitalismo no século XX*. Antonio Candido dizia ser um livro de formosa liberdade, que incomodava muito. Às vezes o professor era obrigado a dizer certas coisas. Mas o Mauricio era absolutamente... temerário... se ele pensasse alguma coisa, ele dizia

mesmo. Claro que a repressão veio forte. Mas depois ele aprendeu o “jeitinho de falar” tudo de forma mansa, por uma e outras palavras, sem muita ênfase, e dizia tudo que precisava dizer. Durante 20 de ditadura... faz já 40 anos isso, foi uma vida de muito estudo, e não foi sacrificio pra ele, porque era a grande razão de ser da vida dele.

Depois de 64, quando foi cassado, ele passou 12 anos fazendo concursos, tirava sempre o primeiro lugar e sempre encontravam uma maneira de demiti-lo. Ele não perdeu os direitos políticos porque ele não tinha feito nada. Ele era simplesmente um pensador. Ele não pertencia a partidos políticos, nem a partido comunista, e então não havia porque demitir. Foi uma canetada... e foi um professor dele da USP, que era espanhol da opus dei, que guardou uma prova dele que o denunciou, quando Mauricio entrou na faculdade e apresentou a tese *Planificação: desafio do século XX*. Foi uma banca muito boa e ele tendo tido aprovação, teve o direito de fazer o vestibular. Ele só teve o direito de fazer o vestibular porque ele escreveu aquele livro. E a única faculdade que propiciava isso era a Faculdade de Filosofia. Ele entrou para a área de Ciências Sociais, mas parou no primeiro ano. Quando nos casamos eu disse que ele tinha que voltar pra universidade porque dali a pouco já vinha nosso garoto, e aí, como fica? Não dá pra ficar sem diploma porque, realmente, o diploma é importante. E então ele foi fazer o curso de História e foi aluno daquele professor espanhol que vinha da Espanha e era ligado à opus dei espanhola. Eu não sei se vocês sabem mas a “opus dei” é uma instituição religiosa que vem da época da Idade Média, e que torturava, fazia o diabo com as pessoas, que matava, e era uma repressão tremenda, era uma ordem religiosa muito violenta. Na Espanha

ainda existe essa Ordem. Esse homem guardou uma prova de Mauricio... anos a fio vejam que indignidade: um professor acusar um aluno seu, já é pra mim uma infâmia, porque você tem na sua mão a confiança do seu aluno. Você tem o ser humano digno na sua mão que está ali fazendo uma prova escolar, numa situação de dependência. E aí você vai e entrega para as autoridades a prova. O assunto da prova era: o que Deus tinha feito para a História? Para Mauricio, que era um estudioso, um historiador, a História não é feita por Deus, mas sim, pelos homens, e ele mostrou seus argumentos. O professor não teve dúvida, pegou a prova dele, e guardou a prova. Isso foi em 61, em 64 ele foi levar essa prova para a Secretaria de Educação, diretamente ao secretário de Educação que juntou à outras informações que eles tinham sobre Mauricio. Realmente ele era um homem de esquerda, não era um homem de direita. Mauricio era combativo. Estava iniciando a carreira como professor. Mas não era partidário. O Max Weber diz que você não tem o direito como professor, de manipular o seu estudante a uma ação partidária. O professor deve expor tudo que acha, mas fazê-lo entrar num partido político, isso é uma indignidade. O Mauricio jamais faria uma coisa dessas. Os estudantes gostavam muito dele, e ele orientava os seus estudos. Ele sempre foi muito amigo dos estudantes, nesse sentido. E naquela época, as pessoas ainda tinham a oportunidade de serem julgadas. Bom, passaram-se 12 anos e aí ele foi reintegrado e foi convidado pela UNICAMP a dar aulas, onde ele ficou até se aposentar. Dava aula na PUC e na GV (Fundação Getúlio Vargas).

Há também uma informação importante que eu quero trazer pra vocês: a gente está conseguindo reunir toda a obra de Mauricio, todos os livros dele, os livros

que ele escreveu mesmo, as teses de doutoramento, e todos os outros livros, na *Coleção Mauricio Tragtenberg*, que já são 7 volumes publicados. E os três últimos que vão ser publicados logo daqui pra frente. E provavelmente, no ano que vem, vão ser outros livros que tratam esse outro lado da vida dele. Ele não era um militante político de partido. Mas ele não era só um professor universitário contestador. Ele não era só isso. A maioria das pessoas pensam que Mauricio tinha só uma atitude na vida como acadêmico. Não, ele dava aula na Fundação Getúlio Vargas, na PUC e na UNICAMP. Eram três universidades em São Paulo muito boas. Mas ele queria se comunicar com o público. Ele queria fazer alguma coisa pelos trabalhadores. Então ele escrevia muito no jornal. Ele escrevia pro jornal comum, na Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, etc. Era sua militância, e eu digo que era uma militância porque ele estava sempre lutando por causas. Ele não escrevia assim simplesmente pra dar uma ideia sobre alguma coisa. Não, ele estava sempre comprando alguma briga. Por exemplo: ... ele era judeu... judeu pobre, sem dinheiro, feio, “forma de fazer diabo” como ele dizia brincando, que não tinha uma relação muito estreita com a comunidade judaica porque a comunidade judaica, em geral, naquela época, era muito fechada, muito conservadora. E ele não era conservador. Ele fazia mais parte da ala dos intelectuais judeus, dos pensadores judeus. Mauricio, era um homem que fazia a sua militância de uma forma diferente. Como ele não acreditava em partidos, e sempre colocou isso nas obras dele, ele dizia que todo partido tem uma hierarquia, e você, queira ou não, acaba entrando naquela hierarquia, tendo que obedecer a uma serie de coisas. Ele tinha uma posição bem anarquista. Mas ele relacionava com o

marxismo, a luta de classe e com toda essa filosofia. Ele também pensava no trabalhador e como resolver essas questões sociais.

Então ele estudava muito e houve um momento, em que começavam aquelas revoltas em São Bernardo, com o Lula, com os sindicatos de São Bernardo, que começavam a ter um pouco de voz no fim da década de 70, ele orientou muito os operários. E aí ele teve um aluno que era diretor de um jornal popular, *Notícias Populares*, que lhe confiou uma coluna – *NO BATENTE* – onde ele publicava todas as reclamações e as reivindicações dos operários da oposição sindical. Mauricio colocou a coluna à disposição dos trabalhadores para todas as suas reivindicações. Nós descobrimos que em cada fábrica entrava uma *Folha de S. Paulo* para 8 *Notícias Populares*. Então, era muito mais vantajoso o *Notícias Populares*, que chegava ao trabalhador. Ao lado de sua coluna estava Erasmo Dias, que era o coronel da repressão mais violenta de São Paulo. Esse coronel chegou até a entrar na PUC atrás dos estudantes. Depois tinha Dom Paulo Evaristo Arns, tinha também um médico que também escrevia sobre política... (risos). Era uma coisa bem democrática até. *No Batente* teve 8 anos de duração. Todos os artigos dessa coluna vão sair nesse próximo livro da *Coleção* dele, a militância junto com os operários... Ele denunciava na *Folha de São Paulo* ou no *Estado de São Paulo*, situações como a dos palestinos que estavam no desespero. Olha como é velha essa história... Desde 1948 que esses coitados desses palestinos estão lutando pelo que é deles. Porque foi feita uma divisão em 48 dividindo o território: uma parte para Israel e outra parte para os palestinos. Os EUA têm muito a ver com isso, porque eles deram muito apoio aos judeus, pra Israel, muito

dinheiro, muita arma, e pouquíssimo, ou nada, para os palestinos. Alias, os palestinos, nem os próprios árabes apoiavam. É terrível a situação deles. Aí o Mauricio ficou muito horrorizado com o que aconteceu porque à medida que eles foram saindo das terras para os judeus criarem a pátria deles (e “pátria deles” digo com prazer porque eu também lutei para que os judeus tivessem a pátria deles, já que todo mundo tinha, eles também tinham que ter) e quando eles tiveram a pátria, eles foram lutar para conseguir mais terras, e pegaram uma faixa muito grande de terra dos palestinos. E isso ficou o ponto da discórdia entre eles. Até hoje, enquanto não devolverem essas terras para os palestinos, essa situação não se resolve. É uma grita muito velha. Mas naquela ocasião, houve uma incursão dos libaneses, que tinham uma falange, foram brigar com os palestinos. Os libaneses eram um grupo de milícias, daquelas terríveis, daquelas que não vê homem, mulher ou criança. E estavam associados a Israel. Aí eles entraram em Sabra e Chatilla, que eram dois acampamentos de refugiados palestinos que estavam acampados ali. Israel se comprometera a não deixar os libaneses entrarem lá, essa era a missão de Israel naquela região. Covardemente, eles deram autorização para os libaneses entrarem. Era uma milícia cristã, daquelas bem facínoras. Eles fizeram uma chacina. E o Mauricio ficou horrorizado. E os Palestinos vieram pedir para ele fazer um artigo sobre o assunto, e ele fez. E criou-se uma disputa entre Mauricio e o embaixador de Israel que disse que Mauricio não era judeu, porque ele estava defendendo os palestinos. Mauricio dizia: eu sou judeu. Aliás, ele cultivava muito a literatura, ele estava sempre se inteirando sobre o que se passava com os judeus, ele tinha muito apreço pelos judeus, mas não era

sionista. Mas ele não era obrigado a ser sionista. Porque sionismo não é sinônimo de judeu. Esses homens que estão no governo de Israel que vem vindo desde há muitos anos, são sionistas.

O segundo livro que vai ser publicado, vai trazer toda essa contribuição que o Mauricio fazia e ainda, os professores elegiam um tema, faziam artigos sobre o tema que tinha um organizador e publicavam o livro. Então, Mauricio tem muitos destes pequenos artigos, que são também difíceis de uma pessoa recolher. Nós tínhamos porque éramos obrigados a fazer o famoso currículo. Aliás, nós só tínhamos porque nós éramos obrigados a fazer o famoso currículo. O Mauricio dava muitas palestras, depois de 80 ele não parava mais, ele ia de cima pra baixo do país. Então era muita coisa. Mas se não fosse esse tal de currículo, nós não teríamos hoje esses artigos todos. E foi até

importante. E também ele dirigia uma coleção sobre o anarquismo para a Editora Cortez. Ele fez várias seleções de textos, dos principais anarquistas, e também os prefácios. E também tinha muita palestra, muita conferência, muita coisa de jornal, muita coisa que a gente juntou pra fazer esses dois últimos volumes. Então são esses volumes que eu acho que vão ajudar a mostrar esse lado de Mauricio, que era um lado não acadêmico e sim, um lado mais militante da personalidade dele.

Por último, pra fazer um balanço da obra de Mauricio, a única coisa que eu posso dizer com sinceridade pra vocês, é que espero que a humanidade consiga chegar a se unir, eu espero e continuo esperando, um dia isso vai melhorar. Isto é, todos vão ser realmente iguais. Porque por enquanto a desigualdade continua muito grande. E a luta nossa tem que ser por isso. Essa sempre foi a luta de Mauricio.